

História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i> <i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i> <i>João Paulo Corrêa</i> <i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i> <i>João Paulo Corrêa</i> <i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i> <i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL

Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra

Professora doutora do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS. Graduada em Pedagogia pela UCDB, mestre em Educação pela mesma Universidade e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Múltiplas Linguagens – GEPEMUL/CNPq.
E-mail: rosana.gomes.cintra@gmail.com

Douglas Proença de Santana

Mestre em Educação pelo PPGEdU/UFMS. Graduado em História pela UFMS/CPCX. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Múltiplas Linguagens – GEPEMUL/CNPq.
E-mail: douglasproenca@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho trata da importância do Museu Arqueológico e Histórico de Coxim – MS como linguagem pedagógica para a prática docente do professor de História no trato com a temática Local. O ensino de História Local não é tarefa simples para o cotidiano do professor, uma vez que a escassez de fontes, falta de conhecimento produzido e mesmo a rotina em sala de aula acabam por dificultar o trabalho de mostrar ao aluno que o Local onde este se insere não está de modo algum separado do contexto nacional, pelo contrário: é necessário que o indivíduo entenda a realidade à sua volta

para compreender o cenário em um mundo globalizado. Portanto, o ensino de História Local torna-se indispensável para a compreensão da sociedade. Como possibilidade, apresentamos o Museu Arqueológico e Histórico de Coxim - MS como linguagem pedagógica para a prática docente do professor de História, uma vez que esta instituição é formada por peças doadas pela comunidade e que contribuem para que a compreensão da História aconteça através deste objetos em exposição. O prédio que abriga o acervo do Museu se encontra em local particularmente privilegiado, na praça do Pé-de-cedro, famosa árvore plantada pelo poeta Zacarias Mourão que compôs a canção Pé-de-cedro em parceria com o músico Goiá, canção esta que ficou famosa na década de 1960 quando gravada por cantores sertanejos famosos como Sergio Reis, Almir Sater, entre outros e que levaria Coxim a ser conhecida nacionalmente como a “terra do Pé-de-cedro”. Deste modo, vemos a importância do Museu para a prática pedagógica do professor de História.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, História Local, Prática Docente.

INTRODUÇÃO

O ensino da História Local não é tarefa fácil para os professores em nenhuma

hipótese, visto que o material pedagógico disponível em primeira mão, o livro didático, geralmente não contempla as especificidades necessárias para o entendimento singular de todos os lugares. Sobre este aspecto não seria correto esperar que tal realidade acontecesse, uma vez que a intenção desta ferramenta hoje é ser um dos auxílios pedagógicos, mas não o único. Deste modo, o professor inevitavelmente terá de se tornar pesquisador para que entenda como se desenvolve a História de cada localidade em que deseja trabalhar na intenção de ensinar ao aluno, mas certamente esbarrará na dificuldade oferecida pela pesquisa: escassez de fontes, trabalho além do expediente, falta de incentivo e muitas vezes a o desanimador diagnóstico de que os alunos não tem interesse em aprender sobre sua própria História, além da realidade de sobrecarga de trabalho que a carreira de professor demanda e condições de trabalho adversas apresentadas nas escolas brasileiras.

Na perspectiva de superar essas adversidades apresentadas para que o professor trabalhe com a História Local e desenvolva as reflexões pertinentes a esta abordagem específica da disciplina é indispensável que haja o conhecimento de linguagens que favoreçam e otimizem as aulas, uma vez compreendido que o livro didático sozinho não contribuirá eficazmente para uma prática docente satisfatória. O professor poderá lançar mão de várias linguagens pedagógicas que o auxiliem em seu trabalho. Nosso objetivo é entender como o professor de História no município de Coxim – MS aborda a temática do estudo Local junto aos seus alunos, visto que a cidade criada em 11 de abril de 1898 é uma das mais antigas do estado, sem contar os mais de 150 anos de História antes da data de emancipação. A região é testemunha da expansão do território nacional que se inicia no litoral Atlântico e se expandiu para o oeste rumo a selva em busca de escravos indígenas, matéria-prima, metais preciosos, entre outros interesses. O destaque é para o ouro descoberto da cidade de Cuiabá, o ponto mais central da América do Sul com histórias que inspiraram aventureiros a partirem de São Paulo em meados do século XVIII em uma viagem de seis meses pelos rios que serviam de autoestradas na busca de riquezas. Locais de abastecimento se tornariam indispensáveis no apoio ao navegantes, onde o encontro entre dos rios Coxim e Taquari seria um destes pontos estratégicos. Devido a sua importância as margens de um rio navegável, o Local foi cenário da Guerra do Paraguai (1864-1870), tendo o povoado destruído e despertando a atenção para as autoridades brasileiras para o conflito.

Mas a História da cidade não se dá apenas por fatos tão distantes no tempo, mas acontecesse a partir deles. Em meados do século XX, pessoas vindas do nordeste, do sul e sudeste contribuíram de forma significativa para que a região se tornasse o que é hoje, sem esquecer a influência da fronteira paraguaia nos hábitos locais, principalmente com o tradicional tereré. As atividades turísticas do rio Taquari que faz com que Coxim ganhe o status de Portal do Pantanal ajudaram a desenvolver a região, bem como a rodovia BR 163 e o 47 Batalhão de Infantaria. A vida do homem pantaneiro acostumado a retirar o gado dos campos alagáveis na época das chuvas

se unem para formar a cidade como a conhecemos. Todas estes fatos juntos se somam para escrever a História Local do povo de coxinense que de modo algum está excluído do processo histórico da formação da mentalidade nacional, mas é participante com ela. Cabe insistir: o professor será estimulado a se tornar pesquisador da temática Local se desejar despertar no aluno o sentimento de sujeito participante da História e construtor dela e, em sua prática pedagógica, o professor deverá utilizar várias linguagens para alcanças este objetivo.

Sendo assim, veremos as possibilidades que o professor de História poderá recorrer para que o ensino sobre o Local possa ser trabalhado com os alunos. O destaque será para o Museu Arqueológico e Histórico de Coxim – MS como recurso didático para a reflexão sobre a formação do município e sua importância para a identidade do cidadão coxinense. É o que veremos a seguir.

O MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS: POSSIBILIDADES COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA NO ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL

Os museus tem sua origem, assim como a História, na Grécia Antiga quando os imperadores chefes de Estado acumulavam objetos preciosos, artísticos, culturais e pitorescos como despojos de batalhas no local denominado Templos das Musas chamado Museion – de onde vem a palavra museu -, filhas de Zeus com Mnemosine, deusa da memória, de modo que estes tempos eram também espaços de contemplação e literatura. Os romanos se tornaram grandes colecionadores¹ no mundo antigo devido a sua expansão territorial como império que se estendeu deste o Oriente médio até o extremo oeste europeu, passando pelo norte da África, com exposições públicas e privadas expostas em locais de grande movimentação, como as casas de banho e fóruns. Ao longo do tempo o interesse por relíquias que tivessem algum significado sempre esteve presente na mentalidade do homem. Um dos pontos de destaque para o ocidente está relacionado aos objetos com ligação direta ao cristianismo, dando ao colecionismo “ares sagrados” (CARVALHO, 2011, p. 132). Raridades como espinhos da cruz de Cristo, lascas da madeira da cruz, objetos com gotas de seu sangue, os pregos da crucificação fizeram parte do imaginário do homem medieval.

¹ O hábito de guardar objetos não pode ser associado somente a grandes personagens ou impérios da antiguidade. É comum que as pessoas guardem algumas “coisas” em casa, mesmo que não tenham uma serventia prática, sendo possível perceber a dificuldade que a maioria das pessoas tem em jogar no lixo aquela “apostila” toda rasurada do ensino médio ou da graduação. Isso não se dá por interesse em ter material para recorrer em momentos de pesquisas futuras, uma vez que quase nunca estes são apropriados, mas por ter significado especial para quem os guardou. O mesmo ocorre com a dificuldade em se desfazer de alguns sapatos que estão em desuso ou “fora de moda”, mas que significaram tanto no momento da aquisição ou na “ocasião especial” – formatura, casamento, primeiro encontro, presente de “fulano” - em que foram usados. Os objetos são a representação do abstrato, o elo com o sentimento vivido e por isso a dificuldade em simplesmente se desfazer deles. Para POLIMAN (1985, p. 51-86; in: CARVALHO, 2010, p. 129), ao guardar um objeto o indivíduo busca a evocação de algo perdido, e o objeto visível cria um elo entre o invisível, mas que é presente na memória como uma experiência marcante, e por isso as pessoas guardam com bastante cuidado um souvenir adquirido em uma viagem, ou as fotografias, que sempre que retiradas do baú onde estão guardadas evocam o determinado momento, produzindo emoções muito particulares.

Ao olharmos para este tempo histórico tão distante frequentemente corremos o risco de não entendermos como esse interesse pôde ser possível ou se realmente era verdadeiro. Para exemplificar e reforçar essa afirmação menciono a popularidade de bilheteria dos filmes da série “Indiana Jones”, personagem de Hollywood criado por George Lucas, dirigido por Steven Spielberg e vivido por Harrison Ford, onde o professor Jones procura o cálice com o sangue de Cristo colhido na cruz, conhecido como Santo Graal em um dos filmes da série, e a Arca da Aliança em outro episódio da saga, sendo este um objeto da relíquia judaica que represente a presença de Jeová entre o povo hebreu. Acrescento ainda a relíquia mais famosa de todas: o “Santo Sudário”, manto que teria sido usado para a preparação do corpo de Cristo para a sepultura, hoje sob a guarda da Igreja Católica.

Contudo, os museus como conhecemos hoje tiveram seu início a partir do século XVII com coleções particulares na Itália, berço do renascimento cultural para toda a Europa, variando desde pinturas que remetiam ao período clássico greco-romano até objetos vindos do Novo Mundo. Observa-se uma participação bastante acentuada da Universidade de Oxford nesse mesmo período, além do Museu Britânico criado em 1759 por obra do parlamento inglês, na aquisição da coleção de Hans Sloane (1660 - 1753). Mas foi na França em 1793 que o primeiro museu público foi criado com a finalidade recreativa e cultural: o Museu do Louvre, com coleções acessíveis a todos. No século XIX surgem muitos dos museus mais importantes em todo o mundo, como o Museu Mauritshuis, na Holanda, o Museu do Prado, na Espanha, e o Museu Metropolitano de Arte, em Nova York. O museu mais antigo do Brasil data também deste momento histórico, sendo o Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, em Pernambuco. Contudo, é no Século XX que surgem os museus mais importantes no que diz respeito à qualidade do acervo, como é o caso do Museu de Arte de São Paulo – Masp, fundado em 1947.

Em 1946 foi criado o Conselho Internacional de Museus – ICOM, uma organização internacional não governamental que representa os museus e seus profissionais em todo o mundo, e que se relaciona com a UNESCO, mantendo um estatuto consultivo no Conselho Econômico e Social. Trata-se de um fórum diplomático que reúne representantes de 137 países e territórios, além de elencar um padrão de excelência para os museus, reunindo mais de 30 mil profissionais de museus em todo o mundo, sendo também um centro de intercâmbio e atuando no combate ao tráfico ilícito de material cultural.

No Brasil foi criado em 1937 o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pela Lei 378 no governo Getúlio Vargas. Em 2009, com a criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, pela lei 11.906 no Governo Lula, o Iphan passa a integrar a nova pasta vinculada ao Ministério da Cultura – MinC nos direitos, deveres e obrigações relacionadas aos museus federais. O IBRAM é hoje o órgão responsável pela Política Nacional de Museus (PNM). Entre seus preceitos está o de:

[...] promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país. (IBRAM, 2009).

O que percebemos é o ideal que trata os museus como um centro de valorização da diversidade cultural tão presente em nosso país, tendo o objetivo de inclusão social dos cidadãos anônimos construtores de história. A preservação e ampliação destes instrumentos de identidade histórico-cultural é uma importante ferramenta para que os sujeitos sintam-se participantes da construção nacional. O presidente do Instituto Brasileiro de Museus, Ângelo Osvaldo de Araújo Santos, no site do IBRAM afirmou o seguinte:

No universo da cultura, o museu assume funções das mais diversas e envolventes. Uma vontade de memória seduz as pessoas e as conduz à procura de registros antigos e novos, levando-as ao campo dos museus, no qual as portas se abrem sempre mais. A museologia é hoje compartilhada como uma prática a serviço da vida. O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma. (SANTOS, IBRAM, 2009).

Esta citação nos esclarece que os museus não são simplesmente espaços para o armazenamento de quinquilharias que tiveram serventia no passado, mas que hoje estão obsoletas. O que é dito acima mostra que estamos tratando de um lugar onde o indivíduo é levado a reflexão sobre si e sua identidade no corpo da sociedade diante da sua necessidade de memória, mesmo que inconscientemente. Quando vamos a um museu podemos por vezes olhar objetos comuns fora de seu contexto cotidiano e percebemos então a enorme quantidade de detalhes que não são observados geralmente. Da mesma forma acontece quando paramos para pensar nas questões ligadas ao afeto para o desenvolvimento da criança. Esta possui uma curiosidade natural pelo mundo na qual está inserida e se a didática se utilizar dessa propriedade para o desenvolvimento de sua metodologia produziremos o que chamamos de “didática das maravilhas”. Esta se define como sendo o princípio da curiosidade o elemento que desperta o interesse do ser humano para que sejam descobertas novas possibilidades e essa regra de ouro pode ser aplicada desde as crianças a grandes nomes da física. (GOBB; RINAZZA, 2014, p.140).

Deste modo podemos inserir os museus como linguagem pedagógica capaz de atuar no despertar o interesse do aluno para o aprendizado da disciplina história, considerando que os museus trazem em sua exposição fotografias, pinturas, objetos

que não mais fazem parte do cotidiano, produzindo nos visitantes sentimento de curiosidade através de visitas monitoradas para mostra do acervo. Existem ainda outros motivos para que o professor utilize os museus como estímulo aos alunos, como afirma CARVALHO (2010):

Para os estudantes, visitar um museu tem muitos significados. É uma oportunidade de “sair da escola”, de deixar de lado os movimentos repetitivos e previsíveis da sala de aula. É também momento de “adquirir conhecimentos”, conhecer um espaço diferente, coisas “antigas”, um lugar bonito, novas pessoas. (CARVALHO, 2010, p. 126).

O que vemos nesta citação é o relato da realidade que o professor em sala de aula conhece muito bem: os alunos são adeptos as atividades fora da escola, uma vez que o cotidiano escolar normalmente é apresentado como previsível e rotineiro, elevando a possibilidade de monotonia e sensação de tédio para o aluno. O contato com o ambiente, a contemplação dos objetos em exposição oferecem um despertar da curiosidade de modo que a aula naquele dia será lembrada por muito tempo. Esta realidade das visitas a museus tornam o espaço da exposição um local de grande possibilidade para o desenvolvimento educacional e não somente um local de passeio para “enrolar” o dia de aula.

Além de ser uma atividade gratificante o uso de museus como linguagem pedagógica oferece estímulo a participação dos alunos no conhecimento do tema apresentado na exposição, seja ela permanente ou temporária, sendo comum os alunos conversarem com seus familiares sobre, amigos ou mesmo vizinhos sobre a atividade desenvolvida naquele dia, detalhando os pormenores do que foi visto e despertando curiosidade no ouvinte que sequer esteve presente durante a visita. Essa possibilidade de despertar do interesse na vida do aluno faz com que os museus não sejam vistos somente como depósitos ou lugar onde objetos sem serventia sejam ajuntados de forma aleatória, mas o “templo”² capaz de fomentar debates sobre a memória e a representação social dos anônimos, o que contribui imensuravelmente para o ensino da história local. Se durante muito tempo a história priorizou a valorização de “grandes” nomes e personagens centrais para o desenvolvimento do curso da história, os museus apresentam-se linguagem pedagógicas capazes de trazer para o cotidiano do aluno a possibilidade de repensar o assunto, agora, com viés dos anônimos, dos esquecidos, dos excluídos.

De fato, é importante esclarecer que os museus podem atender a diferentes interesses que variam desde os mais comuns como os de ciências humanas, até os mais específicos como os de paleontologia, ciências naturais, física, passando por museus de arqueologia, arte e cultura entre outros. De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

2 Aqui faço uma referência com o surgimento da palavra museu relacionado a palavra grega *museion*, templo das musas, como mencionado anteriormente.

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (Lei n 11.904/2009, IBRAM).

Diante desta definição do que é museu e seu propósito, o Museu Arqueológico e Histórico de Coxim – MAHC cumpre um papel de destaque na preservação da história na cidade de Coxim – MS, que contempla em seu acervo raridades que o torna único em retratar a história das pessoas de Coxim, sendo instituição mantida pelo poder público e sem fins lucrativos, que conserva a história da população da cidade através da exposição do acervo que ajuda a mostrar a identidade dos cidadãos, é objeto com viés turístico capaz de comunicar ao outro suas especificidades, com forte apelo educativo que contribui para que o professor, principalmente de história, proporcione reflexões a partir do contado com o que é mostrado ali. O espaço dos museus, desta forma, podem contribuir expressivamente para que crianças desenvolvam suas habilidades temporais, reflexivas e, no caso do museu em Coxim, a relação com o história local pode ainda ser ampliada

Em todos os casos em que as visitas ao museu acontecem sempre é observado o amadurecimento do indivíduo na retenção do conhecimento proposto, seja dos adultos visitantes, jovens com os pais ou grupos de amigos. Mas sem dúvida o aprendizado acontece de forma aprofundada quando as escolas entendem que o museu é linguagem importante para a educação. No caso do Museu Arqueológico e Histórico de Coxim quando tratamos do ensino da história local essa realidade é potencializada. Primeiro porque o interesse coletivo e a expectativa anterior a visita aguça os sentidos para que a viagem seja agradável, depois pelo fato de que a visitação pode ser comentada durante os dias seguintes com a turma e amigos de fora da turma, além de familiares, processo que ajuda em muito na retenção do conhecimento adquirido. Aproximar escola e comunidade local na construção do conhecimento da história não apenas é uma excelente fonte de informação, mas também da construção da identidade e do orgulho de uma comunidade, se manifestando em expressões como por exemplo: “orgulho de ser Nordestino”, “Gaúcho”, “Paulista”, “Pantaneiro”, “Índio” e... “Coxinense”³. Todos membros de uma mesma sociedade. Para isso é necessário que o professor conheça o museu na intensão de utilizá-lo como recurso de linguagem pedagógica. É o que faremos a seguir.

3 A presença da cultura nordestina, gaúcha, paulista e indígena é presente na formação do coxinense, mas poderíamos ainda acrescentar a influência da fronteira paraguaia devido à proximidade geográfica com a nação vizinha, sendo esta observável facilmente com o hábito de tomar tereré – bebida à base de erva mate como o chimarrão gaúcho, mas que tomado com água gelada - para aliviar o forte calor que faz na região pantaneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar uma história que começa oficialmente em 11 de abril de 1898 não seria um desafio aceito por muitos, ainda mais se considerarmos que antes destes mais de 100 anos oficiais essa história teria pelos menos outros 150 anos de preparação. Se dependesse de pessoas com memórias perfeitas essa tarefa jamais seria concluída pelo simples fato de que estas já não poderiam ser interrogadas por não estarem mais no mundo dos vivos. Deste modo percebemos que o esforço se torna ainda mais desafiador, com o agravante de que os herdeiros desta história não estão preocupados com quase nada que trata do assunto. Não porque não gostam da herança, mas porque que desconhecem o conteúdo do testamento que trata do brio e da vitalidade que seus antepassados. Não são testamentos que trazem ouro, prata, pedras preciosas, terras, fama ou glória, mas sim a verdadeira noção de seu lugar no mundo, sua identidade entre os homens e seu lugar único e exclusivo na sociedade marcada pela produção em massa das coisas e das pessoas.

Obviamente um passeio no museu, seja com fins recreativos ou escolares, pode despertar emoções que variam de acordo com o interesse pessoal de cada visitante. Mas no caso específico do MAHC o que observamos é que, como já dito, este é um local que trata da história do cidadão coxinense como nenhum outro lugar. Único em seu acervo, talvez este seja o seu maior desafio: despertar o interesse por aquilo que é particular em um mundo onde as raízes estão cada vez mais superficiais. No mercado capitalista o que aparentemente tem importância é sempre a possibilidade do lucro, das vantagens e dinâmica de estar à frente de seu tempo. Diante disso os museus, principalmente os que tratam de história local, são ferramentas indispensáveis para uma reflexão sobre a possibilidade da humanidade estar se distanciando cada vez mais do seu papel enquanto membros produtores históricos.

A escola é o local mais apropriado para que o exercício da cidadania aconteça, uma vez que esta é o reflexo da sociedade. Deste modo é também onde se pode fomentar os debates a respeito do papel do homem inserido nesta. O museu aparece então como uma ferramenta potencializada para que a discussão sobre o papel do homem no mundo aconteça e é inegável que o MAHC se destaca nesse contexto, já que em nenhum outro local a identidade do cidadão coxinense pode ser observada e estudada de tão perto. Mas ao tratarmos desta linguagem pedagógica para o professor de história é importante que se tenha o conhecimento teórico necessário para compreender como o processo educacional acontece para o desenvolvimento da aprendizagem pelos alunos.

Caso o museu enquanto espaço educacional seja somente considerado como a oportunidade de realização de “uma aula diferente” o professor poderá ter deixado escapar a oportunidade de conduzir o aprendizado de forma mais profunda. Logo, é importante que, ao propormos o MAHC como uma das várias linguagens na prática pedagógica dos professores, seja também apresentado ao profissional referencial

teórico que potencialize tal atividade, tanto para professores, como para alunos. De outra maneira, o caminho para que o professor compreenda a importância desta ferramenta educacional poderia se apresentar confuso e opaco.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Diana da Silva. **A importância da planificação do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História e Geografia.** Universidade do Porto – Portugal. 2013.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. **Ensino de História Local: redescobrimos sentidos.** Saeculum – Revista de História: João Pessoa, 2006.

BASSO, Itacy Salgado; SAVIANI, Demerval. **As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente: um estudo a partir do ensino de história.** UNICAMP, 1994.

BITTENCOUR, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** Editora Contexto, 11 ed. São Paulo – SP, 2009

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Org.) **Ensino de História.** Editora Cengage Learning, São Paulo – SP, 2011.

COSTA, Angela Maria Soares da; BUENO, José Geraldo Silveira. **Prática pedagógica e tempo escolar: o uso do livro didático no ensino de história.** PUC – SP. 1997.

DIAS, Sueli de Fátima. **A prática pedagógica do professor de história: um estudo de suas percepções nos colégios estaduais de Apucarana - PR (1990).** Londrina – PR. 2008.

GOBB, Marcia Aparecida; RINAZZA, Mônica Appezzato. (Orgs) **Infância e suas Linguagens.** São Paulo: Cortêz, 2014.

KNAUSS, Paulo. **A presença de estudantes: o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX.** UFF – RJ. Varia História. 2011.

MARTINS, Luciana Conrado Marandino. **A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP.** USP – 2006.

MISAN, Simona. **Os museus históricos e pedagógicos do estado de São Paulo.** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. USP - SP. 2008.

MOLAR, Jonathan Oliveira. **O Conjunto fotográfico no ensino de História: algumas possibilidades de abordagem com a imigração polonesa.** Londrina – PR. 2009.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.** Mauad. 2 ed. Rio de Janeiro – RJ, 2009.

NAKOU, Irene. **Museus e Educação Histórica numa realidade contemporânea em transição.** Educar em Revista. University of Thessaly – Grécia. 2006.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **O ensino da história local: um grande desafio para os educadores.** IV Seminário Perspectivas do Ensino de História: Ouro Preto, 2001.

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar. **Livro didático e ensino de história local no ensino fundamental.** Associação Nacional de História - ANPUH XXIV. Simpósio Nacional de História, 2007.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história.** Revista Brasileira de História. UFRPE – PE. 2010.

PEREIRA, Júnia Sales. **Sentidos dos tempos na relação museu/escola.** Cadernos CEDES. UFMG – MG. 2010.

PEREIRA, Júnia Sales. **Aprendizagem histórica como prática social: lições poéticas e éticas em "A danação" do objeto: o museu no ensino de história.** Educação em Revista. UFMS – MG. 2010

SILVA, Marcos (Org.). **História: que ensino é este?.** Campinas, SP. Papirus, 2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. Disponível em:

<<http://www.museus.gov.br/os-museus/>>. Acesso em 10 de julho de 2014

<<http://www.museus.gov.br/>>. Acesso em 29 de maio de 2015

<<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/>>. Acesso em 29 de maio de 2015

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

